

**Recensão: Salwa Castelo-Branco (ed.), *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (Lisboa, Círculo de Leitores – INET-md, 2010), 4 vols. + 2 CDs 1455 pp.
ISBN: 978-989-644-091-6 (volume 1, A-C);
978-989-644-098-5 (volume 2, C-L);
978-989-644-108-1 (volume 3, L-P);
978-972-42-4598-0 (volume 4, P-Z)**

Maria Elizabeth Lucas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
lizabet2008@gmail.com

PUBLICADA EM 2010, A *ENCICLOPÉDIA DA MÚSICA EM PORTUGAL no século XX* (EMPXX) firmou-se no decurso dos últimos sete anos como obra de referência incontornável ao dar vez e voz a um conjunto impressionante de personagens, instituições e práticas musicais que se constituíram no século passado na sociedade portuguesa. Seu objetivo maior: inventariar, atualizar e preencher lacunas com procedimentos sólidos de pesquisa especializada nos múltiplos processos de criação, estudo, produção, *performance* e circulação de repertórios musicais irrestritos. Portanto, não trataremos aqui, mais uma vez, de esmiuçá-la ao modo esperado de uma resenha, eis que tal já foi realizado não só em uma dezena de veículos acadêmicos publicados em português, inglês e francês, como também em artigos em veículos de grande circulação impressa e digital destinados a um público leitor mais amplo, todos eles prontamente acessíveis no sítio oficial do INET-md.¹ Trataremos, pois, de revisitá-la pensando nos marcos de um teste de consolidação temporal já vitorioso e, superada esta etapa, constituir com o olhar retrospectivo, um repto em direção ao futuro.

Uma obra enciclopédica com esse fôlego e envergadura, pensada em seus mínimos detalhes estruturais, demanda extraordinária capacidade de coordenação científica, de atração de um grupo de investigadores dedicados e muita persistência no enfrentamento dos imponderáveis ao longo de mais de dez anos de labor dedicados desde a sua concepção até aos passos finais de sua

¹ Ver <<http://www.inetmd.pt/index.php/publicacoes/261-enciclopedia-da-musica-em-portugal-no-seculo-xx>>.

concretização em livro. Dividida em quatro volumes de 360 páginas, com quase 1200 entradas, 550 imagens, reunindo o trabalho de mais de 150 colaboradores entre jornalistas, musicistas, críticos e investigadores, dentre os quais etnomusicólogos, musicólogos, antropólogos, historiadores, sociólogos, especialistas em dança, a *Enciclopédia*, em suma, resiste bravamente ao desafiante trabalho de lidar com heterogeneidades e protagonismos sem sacrificar maiormente o rigor e o equilíbrio geral de seus conteúdos.

Para bem compreender o escopo do projeto e tirar melhor proveito dos conteúdos que oferece, há uma série de expedientes editoriais muito bem repertoriados no início do primeiro volume e ao final do quarto. Neles os leitores encontram a lista alfabética de todos os autores participantes da composição dos verbetes com suas respectivas credenciais, um detalhado «guia de consulta» das convenções estruturantes dos verbetes, com destaque para as utilíssimas formas de remissão interna entre as entradas, e uma indispensável lista de abreviaturas adotadas. Um índice geral temático e outro onomástico, que facilitam o pronto acesso aos verbetes de qualquer um dos volumes, e uma extensa lista de entrevistas realizadas como subsídio do processo de investigação de conteúdos constam em ordem alfabética ao final do quarto volume. Cada verbete, por sua vez, inclui ao final uma lista bibliográfica, discográfica e, dependendo do caso, uma lista de obras musicais, filmografia. Como bônus, a EMPXX oferece aos seus consulentes, ainda que de forma independente dos textos, dois CDs que abarcam parte do universo sonoro-musical inventariado: um, com interessante recompilação de excertos musicais da Emissora Nacional (1938-1975), remasterizados do arquivo da RDP, encontra-se na segunda contracapa do volume 1 e outro, inserido na contracapa do volume 3, propõe uma verdadeira «sociologia sonora» da música popular em Portugal nas primeiras décadas do século XX, através de gravações históricas do acervo do Museu Nacional do Teatro.

Pois bem, dar vida a esse ambicioso projeto significa não só criar e recriar mecanismos eficientes de registro e de controle das informações em bases de dados atinentes aos seus objetivos de forma a não se perder o rumo ao acúmulo de pesquisas em arquivos, bibliotecas, acervos particulares, entrevistas, coleções fonográficas e audiovisuais, o que por si só já representa uma contribuição extraordinária, a exemplo do mega banco de dados PortMuse desenhado especialmente para a EMPXX pelo coordenador executivo, António Tilly. Mas é preciso ir muito além e investir na preparação intelectual de uma equipe que possa responder aos inúmeros desafios intelectuais de superar os tantos reducionismos do qual padeceram longamente as musicologias em língua portuguesa: o descritivismo biográfico, o exotismo, os estigmas e as hierarquias estético-musicais, o tecnicismo classificatório, a reprodução e repetição de clichês, que por décadas se impuseram como cânone nos cursos de formação em música. Superar o peso do paradigma positivista em uma tradição musicológica nacional não é tarefa fácil, demanda arrojo e ousadia para desbravar

caminhos alternativos, apresentar novos temas e conceitos, bem como novos enfoques a tópicos bastante conhecidos.

É nesta esteira que ressalta o trabalho altamente diferenciado de coordenação científica de Salwa El-Shawan Castelo-Branco, com a colaboração do núcleo central de investigadores e investigadores-estudantes do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que acompanharam as diferentes etapas de realização da EMPXX. Não é por acaso ser esta produção fruto de uma unidade académica de formação avançada em Etnomusicologia. O escopo profissional do projeto revela-se plenamente na leitura – aliás, obrigatória – da excelente «Introdução» ao plano geral de estruturação da enciclopédia, a qual se encontra no início do volume primeiro (pp. III-XII) e em boa hora disponibilizada para consulta *online*.²

Como sustentáculo teórico e metodológico do conjunto da obra, nela apreendemos toda a complexidade de operações implicadas na definição do projeto, nos critérios de seleção de conteúdos, na engenhosa articulação dos verbetes em três níveis dimensionais, na qualidade e na extensão da investigação e das reflexões empreendidas pela equipe. Captamos o seu fôlego inovador e admiramos o investimento de energia individual e coletiva na criação de um patrimônio científico-cultural inestimável para as futuras gerações, dentro e fora de circuitos universitários.

Esquadrinhar e dar voz de forma equilibrada a um recorte historiográfico assintomático – a música em Portugal no século XX em toda, ou quase toda, a sua diversidade – demanda obviamente uma série de diligências curatoriais no tratamento de um mosaico de culturas musicais e seus múltiplos equacionamentos históricos, analíticos e interpretativos.

Com muita propriedade, as inúmeras abordagens etnomusicológicas submetidas a filtros críticos ao longo da trajetória internacional deste campo disciplinar, foram muito bem aproveitadas nas orientações que possibilitaram armar as estratégias de reconfiguração e ordenamento do abundante material empírico – biografias individuais e coletivas, gêneros musicais e coreográficos, movimentos, instituições, práticas, estilos, repertórios, mídias – que, de outra sorte, enfrentariam o sério risco de sucumbir ao típico relato linearizado de muitas obras de referência. Conforme sublinhado na referida «Introdução», a concepção de fundo do projeto deriva desse entendimento multidisciplinar, por via da etnomusicologia, das práticas contextualizadas em suas múltiplas redes em fluxos contínuos de trocas interculturais. Ao revisitar-se a noção usual de domínios musicais – música popular, música erudita, música tradicional, folclore, fado, *pop rock* – delineia-se, em contraponto, o programa etnomusicológico da EMPXX de superação destas fronteiras:

² Introdução disponível em: <<http://www.inetmd.pt/index.php/publicacoes/569-enciclopedia-da-musica-em-portugal-no-seculo-xx-texto-introdutorio>>.

A partir desta visão, não perspectivamos os domínios como categorias estáticas e unificadas, que se caracterizam por constelações de elementos estilísticos presumivelmente «autênticos», rígidos e perenes, mas sim como modelos subjectivos e fluidos que estão em constante mudança (CASTELO-BRANCO 2010, vol. 1, v).

Conciliando a linguagem corrente e o uso generalizado destas categorizações, «com a natureza dinâmica da música enquanto fenómeno cultural, bem como os termos da prática musical utilizados pelos músicos» (CASTELO-BRANCO 2010, vol. 1, VI), a estratégia teórico-metodológica adotada na montagem da EMPXX, mesmo correndo o risco de essencialismos, demonstra o pleno sucesso de uma aposta em fazer avançar os patamares de conhecimento em uma empreitada heterogênea, tanto do ponto de vista das contribuições dos verbetes, quanto da abrangência do público leitor.

Verdadeiro laboratório, fábrica de ideias e experimentalismos na produção de conhecimento e de soluções que fazem efetivamente avançar um campo de estudos, com seus rebatimentos na valiosa preparação de novas gerações de investigadores no campo científico-cultural, a EMPXX definitivamente constitui-se como histórico divisor de águas e como obra aberta ao futuro. Suas qualidades são notáveis, e do outro lado do Atlântico, admiramos os seus ensinamentos, usufruímos dos seus conteúdos e refletimos sobre suas potencialidades. Citemos o oportuno balanço final assinado por um grupo de nove pesquisadores, no volume 4 (pp. 1361-92) intitulado «Do século XX ao século XXI: processos, práticas musicais e músicos emergentes», que contempla toda uma agenda de possibilidades, chamando assim a atenção para dinâmicas sócio-musicais contemporâneas em vários domínios – com ênfase na circulação entrecruzada de processos criativos, atores, mídias digitais, redes transnacionais – que poderão ser objeto não só de futuros estudos, mas também de um olhar reflexivo ao conjunto já realizado.

Voltemos aos verbetes, busquemos o caso das entradas dedicadas aos «países de língua oficial portuguesa» ou de outros territórios que ainda mantêm vínculos geracionais com ela. Por conta da crescente visibilidade e impacto internacional da literatura crítica pós-colonial na virada do século XXI, das proposições de alinhamentos das «epistemologias sul-sul», o exame das entradas dedicadas aos PALOP – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe –, bem como Brasil, Timor e Goa, impõe-se como uma das áreas temáticas de maior potencial de revisão e expansão de diálogos interculturais. As entradas nacionais, no plano geral da EMPXX, articulam-se com o excelente verbete âncora «migração» e desdobram-se em uma série de outros verbetes relativamente a compositores e intérpretes, gêneros e instrumentos musicais, os quais demonstram sobremaneira a inseparável teia de relações socioculturais que confrontam os sujeitos e suas práticas nos espaços que sofreram e ainda arcam com o histórico de dominação colonialista. Contudo, uma comparação entre as entradas dedicadas a cada um desses países mostra o quanto o tratamento diferencial entre elas – reconhecendo-se aqui o foco inevitável em trabalhos que se

encontravam em andamento durante a elaboração da EMPXX – remete para a inevitável incorporação de pesquisas mais recentes e a abertura para outras tantas. Por exemplo, consultando-se as entradas destes países no índice remissivo temático do volume 4 constatamos que, segundo a tipologia adotada, não há um artigo solo para «Moçambique em Portugal - Música de» no volume 3 (L-P) assim como os encontramos para Angola, para Brasil, para Guiné-Bissau; que não há menção a São Tomé e Príncipe, que as remissões para Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Timor e mesmo Goa, desdobram-se em uma série mais numerosa de verbetes do que para o caso de «Brasil em Portugal - Música de». Assinalemos que estas ausências refletem bem os vazios de recursos humanos em áreas acadêmicas mais recentes para as quais a superação dos entraves de financiamentos acabam por adiar, senão travar completamente, o desenvolvimento de projetos de investigação mais complexos como os que demandam longos períodos «em terreno» e outro tanto na análise de dados e no refinamento interpretativo. Reconhecemos que equacionar esses desequilíbrios está muito mais afeto às políticas das agências de fomento científico do que à falta de empenho ou de visão dos próprios pesquisadores. De resto, tanto a «Introdução» (CASTELO-BRANCO 2010, vol. 1, VI-VII) quanto o verbete «migração» acertadamente apontam nesta direção. Nesse último, em específico, Rui Cidra, ao tocar no complexo problema das construções identitárias, via cultura expressiva, desenvolvidas por imigrantes e seus afins em Portugal, em contextos socio-económicos e condições de inserção geracional bastante diferenciadas nos períodos colonial e pós-colonial, enuncia que: «O estudo de práticas expressivas no contexto português através das lentes de processos migratórios e movimentos populacionais é passível de constituir novas zonas de reflexão» (vol. 3, p. 774).

Esperemos que a análise destas invisibilidades em «novas zonas de reflexão» reverta em incentivos para a produção de mais conhecimento parcelar nestes tópicos e para a produção de novas sínteses, quiçá, propulsoras de teorizações futuras em torno de uma «etnomusicologia do império». O encaminhamento das constantes atualizações da base PortMuse em conjunto com pesquisas acadêmicas mais recentes nos pólos do INET-md, seja para os verbetes acima citados ou para trabalhos independentes, seria uma oportunidade valiosa de compensar-se assimetrias e descompassos epistêmicos pela via de uma perspetivação mais aprofundada desses países na composição heteróclita das configurações musicais em Portugal a partir de redes e mobilidades transnacionais.

Vislumbramos aí neste quadro de relações de ida e volta das dinâmicas colonialistas e descoloniais um instrumento comparativo indispensável para futuros diálogos entre as musicologias nacionais dos implicados, um verdadeiro núcleo dinâmico de reflexão com vida própria; de revisões e atualizações, valendo-se dos debates empreendidos pelas «epistemologias do sul», pela crítica aos

paradigmas da conciliação no âmbito dos colonialismos, pelo estudo do papel da violência física e simbólica do Império nas interseccionalidades de música, classe, gênero, raça, etnia e geração.

Estes nos parecem alguns passos significativos para ações estratégicas em torno do legado da EMPXX como pólo aglutinador de conhecimento alinhado à renovação teórica interdisciplinar. Com trajetória consolidada além fronteiras, o INET-md sem dúvida dispõe de capital científico e humano capaz de conduzir, a partir de um ponto de observação empírico do estado-nação, articulações entre estes processos nas escalas local, nacional e transnacional e oferecer assim pautas musicológicas renovadoras além-fronteiras.

Do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas perpassam nossa relação atual com os textos acadêmicos e de difusão do conhecimento produzido via investigação. A digitalização afeta de forma intensa nossa relação com a palavra impressa, pelo fluxo incessante da reprodução e da pressão para disponibilizar-se «ao instante» conteúdos originais advindos de projetos de pesquisa que demandam um outro tempo e uma outra relação com recursos financeiros para sedimentar-se. Diante destes novos e complexos desafios do campo editorial, será muito bem-vindo o reaparecimento digital de alguns verbetes da EMPXX no sítio do Instituto Camões, onde há algum tempo estiveram disponíveis. A médio prazo, a perspectiva de criar-se uma *interface online*, colaborativa e de atualização contínua, pelo menos de alguns verbetes cruciais, seria mais uma inestimável contribuição da equipe do INET-md para aqueles que desejam usufruir dos conteúdos da *Enciclopédia da música em Portugal* também em outros países, oportunizando desta forma novas trocas interculturais. Oxalá apareçam recursos e parcerias comprometidas em dar sustentabilidade a tal projeto.

Pelo exemplo de profissionalismo colaborativo oferecido pelo INET-md, por toda a dedicação de sua equipe coordenadora nesses vinte anos decorridos desde os primeiros passos do projeto até à sua concretização, pelos resultados alcançados e pelos saberes disseminados, a EMPXX merece todas as homenagens da comunidade universitária e dos setores interessados em conhecer mais acerca de sua história como nação através do campo artístico-musical.

Maria Elizabeth Lucas é Professora Titular de Etnomusicologia no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. Professora orientadora dos programas de pós-graduação em Música e de Antropologia na mesma instituição e pesquisadora do CNPq.